



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES
GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA/UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA**

MARIA DALVA DE LIMA SILVA

**A PRÁTICA DA LEITURA NO PROCESSO EDUCACIONAL: LIMITES E
POSSIBILIDADES**

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2014

MARIA DALVA DE LIMA SILVA

**A PRÁTICA DA LEITURA NO PROCESSO EDUCACIONAL: LIMITES E
POSSIBILIDADES**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: **Prof. Dr. Jairo Bezerra Silva**

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586p Silva, Maria Dalva de Lima.
A prática da leitura no processo educacional [manuscrito] :
limites e possibilidades / Maria Dalva de Lima Silva. - 2014.
33 p.

Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual
da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.
"Orientação: Prof. Dr. Jairo Bezerra Silva, Departamento de
Letras".

1. Leitura. 2. Letramento. 3. Alfabetização. I. Título.

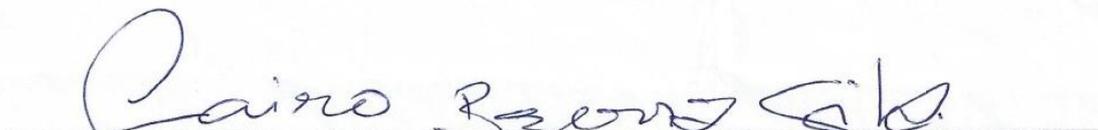
21. ed. CDD 372.4

MARIA DALVA DE LIMA SILVA

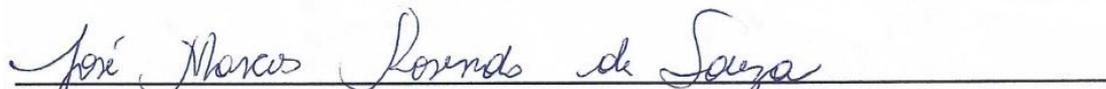
**A PRÁTICA DA LEITURA NO PROCESSO EDUCACIONAL: LIMITES E
POSSIBILIDADES**

Aprovado pela Banca Examinadora em 26 / 09 / 2014.

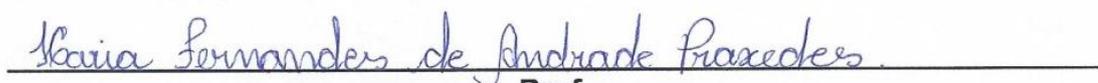
Banca Examinadora:



Prof.
Orientador (a) Prof. Dr. Jairo Bezerra



Prof.
Examinador Prof. Msc. José Marcos Rosendo de Souza



Prof.
Examinadora Prof. Msc. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra”

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre me dar forças e iluminar meu caminho, não me deixando fraquejar nos momentos de dificuldades.

Ao coordenador do Curso de Especialização, por seu empenho.

Ao professor Dr. Jairo Bezerra pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Aos meus filhos e demais familiares, pela compreensão por minha ausência nos finais de semanas.

Ao meu pai (in memoriam), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força.

Aos professores do Curso de Especialização da UEPB, em especial, que contribuíram ao longo destes meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

A diretora da Escola Municipal “Maria de Lourdes de Lima” e da Estadual “José Serafim de Lima” por nos acolher com dedicação.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

RESUMO

O trabalho aqui apresentado tem por objetivo demonstrar a importância da leitura, destacando sua relação com letramento e alfabetização; enfatizando os valores da leitura na aquisição de conhecimentos e conseqüentemente na maneira de pensar e agir do indivíduo. Ler não é uma simples decodificação é antes de tudo compreender, ligar o texto aos conhecimentos do leitor. Na história do ensino da leitura percebe-se que esta foi durante muito tempo privilégio dos mais favorecidos a exemplo da própria escola, com combate a desigualdade social e exclusão, a leitura vai se estendendo as classes menos favorecidas. Cada leitor constrói uma interpretação diferente para o texto lido, conforme sua visão de mundo e seu conhecimento prévio; dentro das estratégias de leitura, a mais adequada é a leitura silenciosa que conduz o indivíduo a reflexão, ligando autor e leitor. A leitura é um processo interno, invisível que espelha as diversas dimensões do encontro do leitor com o autor, perpassada por competências, disposições, formas que habitam o leitor, o que torna difícil a tarefa de identificar e caracterizar os erros. A postura do educador é importante na formação de leitores. Pois é na escola que os hábitos de leitura são formados partindo da motivação do professor. As teorias apresentadas aqui mostram um percurso da leitura desde a antiga civilização grega até os dias atuais.

Palavras chave: Leitura. Letramento. Alfabetização.

ABSTRACT

The work presented here aims to demonstrate the importance of reading, highlighting its relationship to literacy and literacy; emphasizing the values of reading to acquire knowledge and consequently in the way of thinking and acting of the individual. Reading is not a simple decoding is above all understanding, connecting the text to the reader's knowledge. In the history of reading instruction is perceived that this was for a long time the most favored privilege like the school itself, to combat social inequality and exclusion, the reading will be extending the lower classes. Each player builds a different text to read as their worldview and their prior knowledge interpretation; within the reading strategies, the most appropriate is silent reading that leads the individual reflection, connecting author and reader. Reading is an invisible internal process that mirrors the diverse dimensions of the encounter of the reader with the author, pervaded by skills, rules, forms that inhabit the reader, which makes difficult the task of identifying and characterizing errors. The attitude of the teacher is important in the formation of readers. It is in school that reading habits are formed starting from the motivation of the teacher. The theories presented here show a route reading from ancient Greek civilization to the present day.

Keywords: Reading. Literacy. Literacy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 AMPLIANDO O CONCEITO DE LEITURA ATRAVÉS DA HISTORIA.....	9
1.1 O que é leitura.....	9
1.2 A leitura e a construção do sentido.....	10
1.3 Estratégias de leitura.....	11
2. A DINÂMICA DO LETRAMENTO	16
2.1 Leitura numa perspectiva social	16
2.2 A dinâmica de leitura e escrita	17
2.3 Leitura nos PCNs	19
3 A HISTORIA DO ENSINO DA LEITURA	20
3.1 Caminhos percorridos pela leitura.....	20
3.2 O Leitor e a leitura.....	21
3.3 Relação entre escrita, alfabetização e letramento.....	22
4 MINHA EXPERIÊNCIA DE LEITURA NAS ESCOLAS DE MATO GROSSO - PB ...	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31

INTRODUÇÃO

O propósito desta monografia é ajudar professores e outros profissionais que intervêm na educação escolar em uma tarefa que, ao contrário do que poderia se supor, não é de forma alguma fácil: promover nos alunos a utilização de estratégias que lhes permitam interpretar e compreender os textos escritos.

Assim como ensinar a ler não é uma questão simples, tampouco o é conseguir a finalidade que me proponho. A meu ver, é difícil escrever para professores porque custa dar conta da imensa complexidade e riqueza que caracteriza a vida na sala de aula; portanto nosso objetivo principal é apresentar a leitura como meio de aquisição do conhecimento e de socialização do indivíduo.

Ler não é simplesmente decodificar é adquirir conhecimentos, por meio da compreensão do texto lido, para que a leitura se torne um hábito é necessário que o leitor tenha em mente uma finalidade para o que vai ler, pois há três finalidades na leitura: ler por prazer; ler para estudar e ler para se informar, todas estas formas têm influência sobre a vida social do educando.

O papel do educador é decisivo na formação de leitores para tanto as estratégias de leitura na escola devem ser as mais diversificadas possíveis para que o leitor informado sintasse motivado.

A dissertação é resultado de uma pesquisa bibliográfica na qual investigamos como são adquiridos os hábitos de leitura e o papel da leitura como prática social. Portanto o meu interesse é apresentar as condições que podem contribuir na formação de leitores, partindo de hipóteses que serão analisadas conforme as teorias apresentadas por autores que tratam do papel social da leitura e sua utilidade na vida do homem.

Como professora reconheço a importância da leitura na compreensão do mundo que cerca o indivíduo facilitando assim seu convívio dentro das instituições sociais. Portanto o trabalho oferece métodos para ensinar a ler e destaca as estratégias de interpretação de texto, partindo de experiências e conhecimentos prévios do leitor.

O trabalho esclarece que para que o professor é capaz de atingir seus objetivos, ou seja, fazer com que as crianças das séries iniciais dominem a leitura,

precisa de material adequado, que se dará através do acesso às conhecimentos, bem sucedidas de outros colegas e de orientação sobre aspectos relevantes do processo ensino-aprendizagem. Com base em uma literatura específica mostramos aqui como ocorre o processo de motivação para a leitura. Além desses conhecimentos básicos, o professor do ensino básico precisa ter estratégias para desenvolver bem a sua tarefa: respeitar os alunos, confiar na sua capacidade de desenvolvimento; ser criativo; inventivo; ter iniciativa e combatividade. Na medida em que o professor das séries iniciais conhece o funcionamento e a estrutura da língua materna e sabe aplicá-los à alfabetização, tem condições de trabalhar melhor as dificuldades apresentadas, para tanto, faz-se necessário que o professor tenha definido claramente a alfabetização como processo de aquisição da língua oral e escrita.

1 AMPLIANDO O CONCEITO DE LEITURA ATRAVÉS DA HISTÓRIA

1.1 O que é leitura

Entendemos que o processo de leitura não é apenas a decifração da escrita, liga-se ao processo de formação global do indivíduo, a sua capacidade para o convívio social, político, econômico e cultural. De acordo com Martins (2006),

Saber ler e escrever, já entre os gregos e romanos significava possuir as bases de uma educação adequada, para a vida, educação essa que visava não só o desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integra-se efetivamente a sociedade, no caso a classe dos senhores e dos homens livres. (MARTINS 2006, p.22).

Na colocação do autor, o domínio da leitura significa segurança no meio social, ter status dentro da instituição a que pertence, leitura significa formação integral do educando destaque, e crescimento na classe social. Portanto saber ler textos escritos e escrever ainda hoje é algo que não se tem acesso naturalmente, pois em países subdesenvolvidos o analfabetismo ainda persiste.

A leitura tem sido abordada de diferentes formas, por diferentes áreas do conhecimento. [...], gerando assim uma verdadeira política em torno do mesmo objeto de estudo e, conseqüentemente, um grande número de trabalhos e pesquisas acerca dos processos\concepções e estratégias de leitura. Os estudos nessa área vão desde o fato de se conceber uma leitura como uma verdadeira decodificação de signos [...], até as concepções sócias interacionistas, discursiva da leitura que defendem respectivamente a relação entre leitor e autor, sujeitos sociais num processo necessariamente dinâmico e mutável. (PEREIRA, 2011, p.74).

Na concepção da autora as teorias sobre leitura variam desde as letras e sílabas no processo de alfabetização até a leitura como aquisição do conhecimento em sociedade, havendo, portanto várias versões sobre o hábito de ler e seus resultados para o indivíduo que o pratica. São diversos os modelos de leitura, que se realizam conforme o nível e a necessidade do ser humano. O processo de leitura também é sequencial e hierárquico, mas, neste caso descende da hipótese e antecipações prévias o texto é processado para sua verificação. “A leitura é a parte da interação verbal em que a escrita em quanto implica na participação cooperativa

do leitor na interpretação e na reconstrução do sentido e das pretensões pretendidas pelo autor”. (PEREIRA, 2011, p.80).

1.2 A leitura e a construção do sentido

A escola e o ambiente social do aluno representam os espaços, nos quais a prática da leitura fomentam o hábito de ler. A leitura exige de quem a pratica um exercício de preenchimento dos vazios deixados pelo autor, que apela para as reações do leitor para completar aquilo que iniciou.

São suas reações que vão dando significado ao texto e é na constituição deste apelo feito pela obra, dessa participação, que se estabelece a condição para o prazer de ler, de forma criativa e ativa. Nesse caso, é necessário então a cooperação direta do autor; sua participação e pré condição para que haja comunicação com o autor (RANGEL, 1991, p.06).

As descobertas feitas pelo leitor paulatinamente durante o ato de ler vão lhe incentivando e dando – lhe condições para a compreensão do texto lido e paralelamente estabelecendo vínculo entre leitor e escritor, pois a leitura é uma atividade intelectual, demandando competências próprias de um leitor ideal. Pois cada texto tem um significado diferente para cada tipo de leitor. “A busca de possíveis significados demanda uma série de estratégias vinculadas ao grau de maturidade do leitor; a complexidade do texto; o objetivo da leitura; o grau de conhecimento prévio sobre o tema da leitura e sobre o estilo próprio do estilo do sujeito” (RANGEL, 2005, p.21).

Há, portanto uma serie de fatores determinantes no significado que o leitor da ao texto, dependendo do seu nível intelectual, dá sua visão de mundo, do seu conhecimento interior sobre o assunto.

A leitura adequada e que capitaliza o leitor no consiste no processo de compreensão da mensagem transmitida pelo autor. Nesse processo se encaixam o mecanismo automático de pronuncia e interpretação que não podem ser considerados de forma mecânica e que não levam à consolidação de um processo de alfabetização.

A ausência de leitura enquanto entendimento do social contribui para o desestímulo do educando, pois quando a leitura é ligada a realidade provoca o educando para ler, facilitando o trabalho do professor.

Na verdade, a compreensão deturpada que se tem da gramática da língua e de seu estudo tem funcionado como imenso entrave à ampliação da competência dos alunos para a fala, a escuta, a leitura e a escrita de textos adequados e relevantes. (ANTUNES, 2003, p. 30)

De acordo com Antunes (2003) a gramática aplicada de maneira pura representa um obstáculo para a leitura e para a escrita. As regras de gramática, ainda segundo o autor, fogem do verdadeiro ensinamento da língua. A leitura é uma produção mediada pelo texto em seu processo de significado e de construção do conhecimento do indivíduo tanto em seu lado psicológico como social. Ao se fazer uma leitura, deve-se notar que o sentido é algo produzido por cada leitor. O sentido do texto não é dado, é uma descoberta de cada sujeito-leitor. Conforme Martins (2008, p.26): "Aprender a ler enquanto adquirir poder sobre a língua pode conduzir o leitor conseqüentemente a adquirir uma compreensão da realidade que o circunda".

1.3 Estratégias de leitura

Há inúmeras formas para o indivíduo ler, a maneira como ele se apropria do texto é determinante para estabelecer a relação do sentido entre as partes.

A leitura silenciosa favorece o reconhecimento da apreensão rápida da palavra, da adivinhação do material periférico, o que não acontece quando o aluno lê o texto, já na primeira leitura, em voz alta. Essa estratégia induz ao erro, o que não quer dizer que haja um problema de compreensão. As estratégias do leitor são operações de processamentos do texto que se apoiam nas regras gramaticais (sintáticas, semânticas do próprio sujeito) e no reconhecimento do vocabulário (reconhecimento instantânea da palavra no texto) e podem ser cognitivas ou metacognitivas. (KLEIMAN, 1993, p. 10)

A leitura silenciosa promove a reflexão e a compreensão bem mais que a leitura em voz alta, quanto às estratégias metacognitivas são as operações que o

leitor emprega, orientadas por um objetivo consciente e, portanto, consegue identificar e avaliar o processo da sua própria leitura. Neste tipo de estratégia, o leitor está em permanente investigação do seu próprio processo de ler em função de ter objetivos definidos para a leitura. Quando isto não ocorre, surgem as dificuldades de compreensão, sendo necessária a releitura do texto, identificação ou busca do significado da palavra-chave, a organização de um resumo, bem como definições de conceitos.

Partindo deste princípio pode se determinar que as estratégias cognitivas de leitura sejam ações inconscientes do leitor, ações automatizadas das marcas formais do texto ligadas ao princípio de coerência, pois coerência e coesão são fundamentais para compreensão da leitura.

Diante da constatação de Kleiman (1993), percebe-se que na aula de leitura o professor é o incentivador, o provocador para que o aluno compreenda o texto escrito, como também a relação com o mundo social.

Ferreiro (1999), nos seus trabalhos e pesquisas sobre crianças e seu processo de construção da leitura e da escrita, alerta-nos sempre para essa questão da interação entre o leitor em formação e o mundo da escrita, para que desta forma vença as dificuldades de interpretação. Na análise do autor o mundo social deve sempre ser levado em consideração. Vejamos a maneira como o mesmo se pronuncia:

Um dos objetivos sintomaticamente ausentes dos problemas de alfabetização de crianças é o de compreender as funções da língua escrita na sociedade. Como as crianças chegam a compreender essas funções? As crianças que crescem em famílias onde há pessoas alfabetizadas, onde ler e escrever são atividades cotidianas, recebem esta informação por meio da participação em atos sociais onde a língua escrita cumpre funções precisas. (FERRREIRO, 1999. p. 19-21.).

Portanto, em um ambiente letrado, em que os pais se comunicam através de bilhete, a família costuma ler bulas de remédios, fazer relações das compras de supermercado e do material das crianças, o indivíduo que convive neste contexto adquire melhor o hábito da leitura.

O grande desafio da aprendizagem humana consiste em motivar o indivíduo para que ele busque o conhecimento, o qual tem por estratégia primordial: “a leitura”. Porque a mesma é porta aberta para aquisição do conhecimento, aqui

fazemos uma reflexão sobre a leitura numa perspectiva construtivista, leitura funcional e a escola como lugar mais adequado para leitura.

A partir do construtivismo, a diferença fundamental já não se situava entre aprendizagens prévias ou pré-requisitos que davam lugar à aprendizagens posteriores, mas entre as atividades convencionais ou normativas e as aprendizagens não-convencionais ou não-normativas. Sendo capazes de aceitar como aprendizagens as respostas não normativas das crianças, então podíamos ver quais os antecedentes que faziam parte da construção do conhecimento. (TABEROSKI; COLUMBER 2003, p. 16).

Conforme o posicionamento acima colocado, diante do construtivismo deverá haver uma reflexão sobre a aprendizagem como algo aberto, sem depender de conhecimentos anteriores.

Ler voz alta, ler em silencio, ser capaz de carregar na mente bibliotecas íntimas de palavras lembradas são aptidões espantosas que adquirimos por meios incertos. Todavia, antes que essas aptidões possam ser adquiridas, o leitor precisa aprender a capacidade básica de reconhecer os signos comuns pelos quais uma sociedade escolheu comunicar-se: em outras palavras, o leitor precisa aprender a ler. (MANGUEL, 1997, p. 85).

Vale destacar que, os espaços destinados a leitura na escola podem ser divididos em dois: (1) um mais amplo, o ambiente escolar propriamente dito, por meio dos murais, da bibliotecas e pelas (raras) salas de acesso a internet – muitas vezes estas, quando existem, não são utilizadas devido a falta de capacitação dos professores para operar as máquinas; e (2) outro mais restrito, o espaço da sala de aula, que envolve a relação professor-aluno-texto. Este último espaço abrange duas perspectivas distintas: de um lado, busca-se sistematizar a prática da leitura, enfocando habilidades que vão desde a fluência, entonação e rapidez na decodificação dos signos linguísticos, bem como o trabalho com atividades gramaticais; de outro lado, encontram-se as possibilidades de práticas de leitura diferenciadas, por meio de gêneros e suportes textuais diversos, utilizados nas atividades de leitura, mas que infelizmente, em sua grande maioria, preservam as formas e objetivos das práticas de sistematização da leitura.

É preciso dizer que nos limitaremos, aqui, a estabelecer uma reflexão sobre a leitura no espaço de sala de aula, lugar em que o aluno tem alguém – o (a) professor (a) – supostamente preparado para conduzi-lo no mundo da leitura. O espaço de sala de aula deve ser o lugar no qual se materializa a tarefa básica da escola:

possibilitar ao aluno o acesso à leitura enquanto um ato de produção de sentidos. No entanto, pelo que se pode depreender das práticas leitoras desenvolvidas, a escola parece ver a leitura apenas como uma habilidade – decodificação – que deve ser treinada e melhorada com o passar dos dias (ou anos!).

Alguns estudiosos da linguagem vêm tentando mostrar o erro do professor ao utilizar o texto como pretexto para atividades escolares – gramaticais, de verbalização, entre outras. Para Lajolo (1986, p.52), por exemplo, “o texto não é pretexto para nada. Ou melhor, não deve ser. Um texto existe apenas na medida em que se constitui ponto de encontro entre dois sujeitos: o que o escreve e o que lê”. É exatamente nesse ponto de contato entre autor e leitor que se deve propiciar a formação do sujeito-leitor e, para isso, é preciso que a escola confie na capacidade de reflexão do aluno para atribuir sentidos a esse tecido significativo que é o texto. Não se pode, simplesmente, nivelar o aluno “por baixo” e permitir que ele se posicione de forma passiva frente ao texto. Tampouco se pode permitir que as atividades com leitura em sala de aula sirvam apenas de pretexto para avaliar a situação do aluno como decodificador de signos linguísticos.

A concepção de leitura assumida pela escola é respaldada pelos pais que, de modo geral, parecem se satisfazer quando, nas séries iniciais do Ensino Fundamental, seus filhos decodificam os signos linguísticos de um texto. A atitude da família, no entanto, é reflexo do que foi a ela repassado pela escola e se constitui uma das características marcantes da leitura no espaço escolar. De outra maneira, podemos dizer que não se trata de família sentir o prazer ao ver seu filho assumindo uma atitude passiva frente aos textos, ela age assim – com empolgação -porque acredita que a atitude da criança, naquele momento, é a representação mais fiel de que é leitura para a sociedade.

A tentativa de romper com essa concepção de leitura encontra-se nas iniciativas e métodos de alguns professores que tentam inserir trabalhos com leituras que buscam a produção de sentidos. Para isso, utilizam, por exemplo, gêneros diversificados (bilhete, notícia jornalística, piada, carta pessoal, entre outros), em conformidade com o que preconizam os PCN – Ensino Fundamental (1998), a respeito de um trabalho produtivo de ensino de língua portuguesa:

É necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados

de diferentes formas. A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. É preciso abandonar a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social. (PCN, 1998, p.23-24).

Contudo, o mero uso dos gêneros diversificados não garante, por si só, um trabalho diferenciado com a leitura, em que estratégias diversas (de leitura) possam ser evidenciadas em favor da explicitação das condições de produção e de circulação de cada gênero, portanto em favor da produção de sentidos.

É fundamental, portanto, que os professores (re) conheçam a amplitude do trabalho com a leitura e compreendam que a leitura exige outras atividades diferentes daquelas que se prestam a sistematização e que geralmente “tomam conta” do espaço escolar devido ao mau uso do livro didático, como o próprio adjetivo “didático” quer dizer, tem o objetivo de instruir, exercitar, e não ser uma Bíblia – “palavra inquestionável”, como lembra Souza (1995) -, para ser utilizada do princípio ao fim pelos alunos.

2. A DINÂMICA DO LETRAMENTO

2.1 Leitura numa perspectiva social

Os recentes modelos do processo de aquisição da leitura nada mais são do que frutos de estudos realizados nas diversas áreas do conhecimento, dentre essas áreas temos a linguística.

Conforme Lanza (1998, p.26): "Aprender a ler enquanto adquirir poder /sobre a língua pode conduzir o leitor conseqüentemente a adquirir uma compreensão da realidade que o circunda".

É imprescindível que o leitor tenha oportunidade de ler, saiba ler e sinta prazer ao se envolver no ato da leitura. Entender a leitura como processo, além da decodificação de signos, implica uma prática escolar que ofereça instrumentos para que o aluno leia os fatos sociais, isto é que se constitua cidadão.

Na atualidade, o ensino - aprendizagem não ocorre apenas em torno da identificação das palavras, mas considera o texto e suas relações intra e extra textuais, isto é, aspectos exteriores à sua construção: época em que foi escrito contexto político entre outros e aspectos interiores à sua estrutura: relações sintáticas e semânticas, por exemplo. Conforme Silva:

Do ponto de vista pedagógico a consequência dessa ideia é a de que o professor deve aproveitar como componente essencial da aprendizagem as competências preliminares dos aprendizes, aquilo que eles já sabem tanto do ponto de vista linguístico - a sua língua materna quanto temático - o assunto tratado no texto. (SILVA 1999, p.13).

De acordo com o autor acima citado, o que é necessário é aproveitar ao máximo a previsibilidade de um texto, ou seja, o conjunto de hipóteses que o leitor é capaz de fazer sobre o seu sentido, usando para isso o conhecimento prévio do assunto e a percepção dos dados mais imediatos de sua significação.

Todos esses dados imediatos podem se encontrar em níveis diferentes, como textual, lexical e co-textual. Assim, o nível textual pode ser encontrado em textos com marcações aparentes, (esquemas, gráficos, tabelas); no lexical, insiste-se nas palavras-chave do texto, e na significação; e no co-textual são as ilustrações que se antecipam ao texto.

Todas as inovações na análise do texto, especialmente do literário, têm ajudado a reconhecer que um texto pode ter vários sentidos, varia da percepção de cada leitor, da época em que é lido ou do grupo social que dele se apropria, em outras palavras, é plurissignificativo. Conforme Lajolo (1982,p.59):

Ler não é decifrar como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor, pretendia e, dono da própria vontade entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

De acordo com Lajolo, a partir desta citação, situa o leitor como sujeito, isto é, protagonista no cenário da leitura. Silva (2004). sugere a utilização da abordagem global no trabalho com textos. A abordagem global tem desdobramento importante na área de estudo e ensino de língua materna e estrangeira, pois ela é base teórica responsável por pesquisas para a construção de um leitor maduro.

2.2 A dinâmica de leitura e escrita

Sabemos que no sistema social, a maioria das coisas, funciona em relação à leitura e 'nada' está solto no espaço. No momento em que pesquisas de vários campos do conhecimento como da psicologia, linguística, pedagogia revelam outros caminhos para o desenvolvimento da aprendizagem da leitura e da escrita e o MEC os aponta como diretrizes, é natural que autores de livros didáticos incorporem essas novas noções. Voltemos um pouco o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998, p.150) e vejamos orientações para o profissional da educação:

Sendo assim, reconhecer a capacidade das crianças para ler e escrever e dar legitimidade e significação às escritas iniciais, uma vez que estas possuem intenção comunicativa; propor atividade de escrita que façam sentido para as crianças, isto é, que elas saibam para que e para quem esteja lendo e escrevendo, revestimento a escrita de seu caráter social e ajudar as crianças a desenvolver a habilidade de retornar ao texto escrito – reler o que está e foi escrito – para reelabora-lo, amplia-lo, ou melhor, compreendê-lo;

No referencial temos um ensino da escrita calcado nas práticas sociais, tomando o gênero textual como um instrumento mediador dessas práticas, também para os PCNs, o texto é concebido como um objeto de ensino e se orienta que explicitem para a criança o contexto de escrita.

Ensinar a escrever textos torna-se uma tarefa muito difícil fora do convívio com textos verdadeiros, como leitores e escritores verdadeiros e com situações de comunicação que os tornem necessários. Fora da escola escrevem-se textos dirigidos os interlocutores de fato. Todo texto pertence a um determinado gênero, com uma forma própria, que se pode aprender. (PCN, 1998, p.28).

A inclusão de textos de diversos gêneros é importante para aquisição da leitura e da escrita, do ponto de vista do letramento, pois um dos objetivos do ensino de língua é a própria comunicação. A qual esta ligado a linguística textual, a fim de produzir a verdadeira comunicação, considerando a coesão e coerência no interior do texto.

Quanto à confusa identificação entre letramento e escolaridade que muitos autores fazem, ela não resiste a um olhar mais aprofundado. Basta examinarmos “textos” escritos produzidos por pessoas altamente escolarizadas. [...] (TFOUNI 2010, p.39)

Escolaridade refere-se ao fato do indivíduo ter frequentado a escola, enquanto letramento é a prática constante de atividades escritas, nas sociedades modernas escolaridades e letramento caminham lado a lado.

A leitura libertária que hoje é almejada por aqueles que acreditam ser uma ação transformadora, impõem um ato de ler com seriedade, que exige do leitor uma disponibilidade interna para adentrar o texto, compreendendo na intertextualidade e no contexto de leitor, porque a percepção crítica implica a apreensão daquilo que é sentido e razão de ser do que se sente. A leitura séria compromete o leitor, envolve-o na investigação dos pormenores, criando uma aproximação entre o contexto do leitor e do escritor,[...]. (RANGEL, 2005, p. 33).

O autor fala de uma leitura em que o leitor se compromete na compreensão penetrando nas entrelinhas e compreendendo o pensamento do escritor; essa leitura consiste numa aproximação entre autor e leitor podendo o último ser transformado

pelo pensamento do primeiro, daí surge a importância da escolha do bom livro a ser lido.

2.3 Leitura nos PCNs

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a leitura possui uma função de extrema importância no ensino-aprendizagem dos alunos, uma vez que a partir do desenvolvimento da sua competência leitora esse aluno poderá tornar-se proficiente em todas as disciplinas. Essa competência, por sua vez, será construída pelas práticas de leitura presentes dentro da sala de aula, com a finalidade de formar leitores e produtores de textos aptos para o manejo claro e definido de diversos gêneros textuais.

Segundo as orientações dos PCNs:

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de formas a atender a essa necessidade".(PCN de Língua Portuguesa de 5ª a 8ª Série, 1998; p. 15).

As atividades de leitura espontânea e de contar aos colegas o livro lido são sugeridas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais:

É importante destacar que as duas atividades mais comuns relacionadas à leitura em sala de aula, ler em voz alta e fazer perguntas de compreensão do texto, não ensinam de fato a ler. Para tanto, algumas tarefas específicas podem ajudar e cabe ao professor planejar suas aulas, de acordo com a realidade e a necessidade dos seus alunos para maior aproveitamento no processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, para formar um leitor competente faz-se necessário compreender o que lê e que saiba posicionar-se na busca de informações implícitas, que se ancoram nos dados não fornecidos pelo autor. Para isso, esse leitor precisa de práticas constantes

3 A HISTORIA DO ENSINO DA LEITURA

3.1 Caminhos percorridos pela leitura

Segundo Lajolo (1996), a história da leitura no Ocidente, tem início na Europa, no século XVIII. Tal atividade ganha força com a expansão da imprensa e desenvolve-se graças à difusão da escola, da alfabetização em massa das populações urbanas, da valorização da família e da privacidade doméstica, bem como na emergência da ideia de lazer.

De acordo Pereira (2011); o ensino da leitura tem sido motivo de investigação de vários teóricos, entre os quais os de Aquino (2000), Barbosa (2008), Batista e Galvão (1999), Faria Filho (1998), Orlandi (2000 e 1997), Silva (2003, 2002 e 1987) e Sousa (2009, 2008, 2002), esses autores apresentam a leitura e suas variações: histórico, social, discursivo, lúdico, tecnológico etc. Sendo que em sua grande maioria, de trabalhos que visam explicar a importância da leitura para o sujeito – na escola e na vida, bem como buscar alternativas para amenizar os efeitos negativos provocados pela falta de entendimento sobre o que significa ensinar a ler. Como se sabe a leitura ocupa lugar de destaque no processo de ensino aprendizagem e sua prática, após o processo de alfabetização, vai se fazer presente não apenas na disciplina Língua Portuguesa, mas acompanhar o sujeito-leitor nas demais disciplinas e por toda sua vida.

Investigar a leitura como um processo de formação do sujeito-leitor implica relaciona-la à subjetividade desse leitor. Conforme Larrosa:

Pensar a leitura como formação implica pensa-la como uma atividade que tem a ver com a subjetividade do leitor: não somente com aquilo que o leitor sabe mas também com aquilo que ele é. Trata-se de pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos deforma ou nos transforma) como algo que nos constitui ou nos põe em questão frente àquilo que somos [...] como algo que tem a ver com aquilo que nos faz ser o que somos. LARROSA, 2002, p.133).

Na visão de Larrosa, não se deve imaginar a leitura apenas por um ângulo, ou seja, por seu lado prazeroso p ou como um meio de se adquirir\resgatar informação, mas como um processo que mudança do sujeito como ser social. Portanto a leitura

tem efeitos sobre o sujeito, ela ocasiona transformação em seu eu Independente do sujeito, ao se terminar uma leitura, não se esta igual ao momento em que se iniciou.

Apresentamos aqui a leitura como uma prática social e cultural que constitui o sujeito leitor. Em seguida, faremos uma abordagem sobre a pedagogia da leitura, com o objetivo de apresentar como a leitura tem sido tratado\ensinada e “aprendida” na escola. O discurso de alunos universitários revelam experiências de letramento vivenciadas por sujeitos que assumem funções essenciais no processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa: a função professor e a função aluno.

3.2 O Leitor e a leitura

Hoje em dia, temos na sociedade, um discurso positivo de valorização da leitura. Não se trata apenas da valorização da leitura na escola, mas também fora dela, ou seja, nos espaços sociais em geral. Ao mesmo tempo, no entanto, temos uma contradição: as inúmeras pesquisas que têm sido realizadas a esse respeito revelaram que o brasileiro lê (muito) pouco. A pergunta que fazemos é: porque e para quê é necessário ler? Alguns estudiosos do campo da leitura, a pratica da leitura possibilita ao sujeito a formação da visão crítica, que pode contribuir para a autonomia do sujeito. Frente ao texto escrito, por exemplo, o leitor deve se conscientizar “de que o exercício de sua consciência sobre o material escrito não visa o simples reter ou memorizar, mas o compreender e o criticar” (SILVA, 1987, p.80).

Portanto ler é interpretar o texto escrito e essa interpretação depende dos conhecimentos anteriores sobre o assunto, da visão de mundo que cada leitor construiu ao longo de sua vida.

Para Abreu (2002), parece “bizarro” hoje estimular-se tanto a leitura da literatura depois de todos os alertas sobre os perigos da leitura em excesso, especialmente, a dos romances:

Os livros foram vistos, até o século XIX, como um forte perigo para a moral, especialmente a das mulheres e moças. Suponha-se que a leitura de romances levava ao contato com cenas reprováveis, estimulando a identificação com personagens envolvidas em situações pecaminosas como as mentiras, as paixões

ilícitas e os crimes. Acreditava-se, talvez mais do que nos o façamos, no poder da leitura.

3.3 Relação entre escrita, alfabetização e letramento.

De acordo com Tfouni (2010, p.11) escrita, alfabetização e letramento são indissolúveis, entretanto nem sempre tem sido focado como um conjunto pelos estudiosos. [...], a relação entre eles é produto de um processo: enquanto os sistemas de escrita são um produto cultural, a alfabetização e o letramento são processos de aquisição de um sistema escrito.

A alfabetização refere-se a aquisição da escrita enquanto a aprendizagem de habilidades para a leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isso elevado a efeito em geral por meio do processo de escolarização e, portanto, da instrução formal. A alfabetização pertence, assim ao âmbito individual. [...]. O letramento por sua vez focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. [...]. A escrita é o produto cultural por excelência. (TFOUNI 2010, p.11)

Analisando o pensamento do autor acima citado, percebe-se que alfabetização, letramento e escrita estão intrinsicamente ligados, entretanto a escrita é resultado de uma atividade humana, é a realização de uma prática, enquanto alfabetização diz respeito a obtenção da escrita, ao indivíduo ser capaz de produzir, ao passo que letramento atinge o meio social em que a prática da leitura se faz constante.

Historicamente, a escrita data de cerca de 5.000 anos antes de Cristo. O processo de difusão e adoção dos sistemas escritos pelas sociedades antigas, no entanto, foi lento e sujeito, é óbvio, a fatores político-econômicos. O mesmo se pode dizer sobre os tipos de códigos escritos criados pelo homem: pictográficos, ideográficos ou fonéticos, “representem” o “pensamento” (ou “ideias”), ou ainda os sons da fala, não são produtos neutros; são antes resultado das relações de poder e dominação que existem em toda sociedade. (TFOUNI 2010, p.13)

Pode-se constatar que a escrita é algo muito antigo na história da humanidade pois data antes mesmo da era cristã, mas foi vagarosa sua difusão entre os povos, os códigos escritos variavam nas distâncias geográficas, estando também ligados a fatores socioeconômicos e políticos.

Se a escrita está associada, desde suas origens (como acabei de mostrar), ao jogo de dominação/poder, participação/exclusão que caracteriza ideologicamente as relações sociais, ela também pode ser associada ao desenvolvimento social, cognitivo e cultural dos povos, assim como a mudanças profundas nos seus hábitos comunicativos. A mais antiga forma de escrita de que se tem notícia surgiu na Mesopotâmia (atualmente partes do Irã e do Iraque).[...].(TFOUNI 2010, p.15)

Assim sendo, a escrita foi durante muito tempo privilégio das classes mais favorecidas, pois o acesso a escola era das pessoas de maior poder aquisitivo, contribuindo assim para exclusão social nas divisões das classes em uma mesma sociedade. A função da leitura era prioritariamente o lazer, pois os livros constituíam objetos de diversão, destacando-se os folhetins e cordéis. Conforme Lajolo:

Se for certo que os leitores existiram em todas as sociedades nas quais a escrita se consolidou enquanto código, como se sabe o propósito dos gregos, só existe o leitor, enquanto papel de materialidade histórica e a leitura enquanto prática coletiva em sociedades de recorte burguês, onde se verifica no todo ou em parte uma economia capitalista. (LAJOLO, 1996, p.16)

A leitura era privilégio dos mais favorecidos economicamente, tendo-se tornado objeto de consumo comercial com a industrialização e a economia capitalista.

Seguindo o pensamento de Lajolo, a leitura no Brasil cresceu por volta de 1840, no Rio de Janeiro. A fim de nos tornarmos uma sociedade leitora teve que depender de alguns mecanismos como livrarias e bibliotecas, pois a escolarização era precária.

De acordo com a teoria de Orlandi:

Todo leitor tem sua história de leitura, e com isso apresenta uma relação específica com os textos, com a sedimentação dos sentidos de acordo com as condições de produção da leitura em época determinada. O sujeito se constitui como leitor dentro de uma memória social de leitura. (ORLANDI 1998, p.84)

A cultura da época em que é produzida a obra tem grande influência sobre a interpretação do leitor Conforme sua cultura e sua história de vida. Conforme Silva (2004, p.43): "A crise da leitura em nosso país deve ser inserida, para efeito de

compreensão, no quadro maior da crise socioeconômica brasileira.". Isto quer dizer que a questão da formação de leitores no Brasil, não é somente uma questão individual, mas política.

Silva (2004, p.49), afirma que na primeira instância ler é possuir elementos de combate à alienação e ignorância. E para que se possa compreender esta definição deve-se levar em conta todas as contradições das classes sociais mantida pela ideologia da classe dominante que exclui os menos favorecidos das leituras sociais. Todos os ocultamentos feitos e impostos pela classe dominante podem ser desmascarados por um cidadão que saiba ler e execute esta prática social nos diversos momentos de sua vida.

4 MINHA EXPERIÊNCIA DE LEITURA NAS ESCOLAS DE MATO GROSSO - PB

Iniciaremos este capítulo, destacando a cidade que foi universo da nossa pesquisa: Mato Grosso é um município no Estado da Paraíba, localizado na microrregião de Catolé do Rocha. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano 2010 sua população era estimada em 2.702 habitantes. Área territorial de 84 km². O município de Mato Grosso - PB, localizado no alto sertão paraibano, a 413 km da capital.

Vale destacar que trabalhamos como professora de língua portuguesa em duas escolas públicas: Escola Estadual “José Serafim de Lima” – Mato Grosso – PB. Sendo esta uma escola de ensino médio, trabalha com a leitura, por meio da pedagogia de projeto, em 2014 estamos desenvolvendo projeto de leitura sobre a obra de Augusto dos Anjos, analisando poesias, o estudo é iniciado com a leitura da obra do referido autor em nossa biblioteca, os alunos realizam também análise de poemas, recital, peças teatrais com base na poesia do autor supracitado.

Em 2013 trabalhamos com gêneros literários diversificados, explorando cada um conforme sua utilidade assim o aluno não ficava preso ao livro didático. Toda semana era escolhido um gênero literário diferente. Como sabemos, gêneros textuais são as funções de cada texto, podendo ser a carta, a bula de remédio, a lista de compras, a resenha, a conferência, o cardápio de restaurante, o outdoor, a propaganda, a charge, a aula virtual, as notícias...

Não há comunicação que não esteja devidamente caracterizada em algum gênero e há tipos textuais que estruturam cada manifestação de gênero. Isto pode ser de fácil compreensão, pois há grandes e nítidas diferenças, por exemplo, na forma como um livro didático é estruturado e na forma como elaboramos uma receita culinária.

Portanto, trabalhamos os tipos de gêneros textuais classificados em cinco: narração, argumentação, instrução, exposição e descrição, os nossos alunos produziram trabalhos escritos de cada tipo.

Contudo, os professores envolvidos no projeto precisavam considerar antes de abordar os gêneros textuais, considerando o fato que é muito mais importante do que estudar as características de cada gênero e sua estrutura, é fazer com que os

alunos vivenciassem a prática de cada gênero textual, de acordo, principalmente, com a sua realidade; este trabalho foi realizado através de seminário realizado pelos alunos.

Neste ponto, foi interessante o professor colocar à disposição na sala de aula o maior número possível de gêneros, pois desta forma o aluno foi percebendo, na prática, qual a funcionalidade de cada um, o que certamente facilitou a construção de seu conhecimento.

Ao dispor jornais, revistas, exemplos de conversa em chats online, charge, propaganda, entre outros, o professor tinha muito menos trabalho para fazer com que o aluno compreendesse o processo de adequação em todos os momentos.

A segunda escola em análise foi a Escola Municipal de ensino fundamental “Maria de Lurdes de Lima” a leitura também é realizada por meio da pedagogia de projeto, sendo em outro nível, dentre os projetos vale destacar o que participei no ano de 2013, denominado: “ Leitura de material não didático” desenvolvido no ensino fundamental através de cinco ações:

1 AÇÃO:

Exposição oral realizada pela professora de língua portuguesa, Maria Dalva de Lima Silva, falando da importância dos rótulos e embalagens para sabermos a composição dos produtos, data de validade, local e data de fabricação. Em caso de produtos de higiene e limpeza, os cuidados que devemos ter ao reaproveitar as embalagens e também a atenção durante o uso dos produtos. As crianças interagiram, fizeram perguntas, tornando-se motivadas e dispostas a esta leitura diversificada. As professoras pediram para os alunos trazerem rótulos e embalagens dos produtos usados em suas residências.

2 AÇÃO:

Os alunos recortaram rótulos e embalagens confeccionando cartazes. Os professores incentivaram, o gosto pela leitura, porque ela é a base da escrita, procurando fazer com que o aluno desenvolva uma leitura crítica a fim de que possa questionar e opinar sobre conteúdos implícitos e explícitos nos rótulos e

embalagens. Para tanto se faz necessário conscientizar-se do valor social proporcionado pela leitura de textos, tais como: leitura de letras de músicas, receitas de culinária, contos de fada, histórias vivenciadas pela classe, manchetes de jornal, embalagens, rótulos, avisos, leitura de documentos pessoais como: certidão de nascimento, carteiras de identidade, são elementos que oferecem uma base interessante de leitura e desta forma o aluno não sente que está sendo obrigado aprender a ler, pois, é algo que surge normalmente no cotidiano.

O grande desafio da aprendizagem humana consiste em motivar o indivíduo para que ele busque o conhecimento, o qual tem por estratégia primordial: “a leitura”. Porque a mesma é porta aberta para aquisição do conhecimento, aqui fazemos uma reflexão sobre a leitura numa perspectiva construtivista, leitura funcional e a escola como lugar mais adequado para leitura.

A partir do construtivismo, a diferença fundamental já não se situava entre aprendizagens prévias ou pré-requisitos que davam lugar à aprendizagens posteriores, mas entre as atividades convencionais ou normativas e as aprendizagens não-convencionais ou não-normativas. Sendo capazes de aceitar como aprendizagens as respostas não-normativas das crianças, então podíamos ver quais os antecedentes que faziam parte da construção do conhecimento. (TABEROSKI & COLUMBER 2003, P. 16).

Portanto o projeto foi desenvolvido numa linha construtivista, cujo objetivo foi trazer algumas reflexões sobre o que significa entender a leitura como experiência, em especial realizada dentro da unidade escolar, pois, é resultado de uma pesquisa realizada pelos professores e o pessoal de apoio pedagógico, com o apoio de uma fundamentação teórica, para chegar a determinadas conclusões, de uma vez que o campo da leitura vem recebendo, nas últimas décadas contribuições quanto ao que diz respeito à produção teórica, ou ao delineamento de alternativas práticas.

3 AÇÃO:

No terceiro momento os alunos trabalharam em dupla, realizando leitura dos rótulos, explicando, a utilidade dos produtos. Foi uma aula dinâmica em que os alunos desenvolveram, opinaram, trocaram ideias. O professor funcionou como um

provocador da aprendizagem.

Concluindo com a leitura dos rótulos, data de validade dos produtos, data de fabricação; os alunos passaram a ter uma nova visão como consumidor.

4 AÇÃO:

Foi realizado um estudo com os “Contos de fadas” partindo do princípio de que há necessidade de se educar com dados reais, não que os contos de fadas sejam desprezíveis, pelo contrário, é necessário que os textos literários sejam trazidos para o mundo real. Portanto, as narrações de histórias como a do “chapeuzinho Vermelho” estão impregnadas de símbolos que expressam a realidade vivida no momento em que o narrador a conta. As versões diferenciam conforme a região, vista conforme “os olhos” de quem a analisam, um realista veria de maneira contrária a de um humanista. Mas, de uma forma ou de outra, os textos contribuem para a formação do aluno. As crianças leram, ilustraram as histórias e por último fizeram uma dramatização. Encontramos dificuldades em encontrar personagem para representar o lobo mal, os valores de amor e bondade já atingem os pequenos.

Foi realizada a leitura compartilhada de histórias que é uma das práticas de leitura mais motivadora. Anteriormente fizemos referência a várias técnicas de leituras mostrando que a leitura compartilhada proporciona um bom contexto para aprender a linguagem e que, por sua vez, proporciona o desenvolvimento de habilidades linguísticas e cognitivas. Porque tal leitura facilita a aprendizagem de vocabulário, bem como o uso da linguagem expressiva, a compreensão da função da escrita e o conhecimento da linguagem das histórias de ficção.

Não se trata, pois, do reconhecimento de palavras impressas (aspecto gráfico e fonético), mas de seu componente semântico e léxico, isto é, do significado das palavras, desde sua apreensão pelo contexto, até a definição explícita e o conhecimento de conceitos do material não didático.

As crianças desta escola demonstraram uma grande facilidade em aprender novas palavras. Em contrapartida, as crianças maiores de seis anos podem aprender palavras novas de fontes indiretas, tais como a televisão ou como a leitura de livros em voz alta pelos adultos.

Portanto as maiores de seis anos, são leitoras mais independentes, têm

acesso aos contextos através da leitura silenciosa, com a qual a fonte indireta se transforma em direta. Sabe-se como é importante para a formação de qualquer criança ouvir histórias. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um bom leitor, tendo um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo. É poder sorrir, gargalhar com situações vividas pelos personagens e com a ideia dos contos, então, a criança pode ser um pouco participante desse momento de humor, de brincadeira e aprendizado.

Os contos também conseguem deixaram fluir o imaginário e levaram a criança a ter curiosidade, que logo é respondida no decorrer dos contos. É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivem e atravessam, de um jeito ou de outro, através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelos personagens de cada história.

5 AÇÃO:

Ocorreu um trabalho interdisciplinar de arte, fazendo a ilustração dos contos por meio de pinturas, recortes e colagens. É extremamente importante que as crianças, na fase inicial da aprendizagem, sejam estimuladas ao máximo para desenhar, recortar, colar, imprimir, pintar, cantar, improvisar, dançar, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término da revisão da literatura relativa à leitura e sua prática social, consideramos que ler representa uma possibilidade incondicional para o processo de leitura, como também do entendimento do mundo. Deduzimos outrossim que alfabetização, letramento e escrita estão ligadas, e para realização de uma é necessário que essas não se desliguem.

Quanto às estratégias de leitura, percebemos que a “mais adequada” é a leitura silenciosa que conduz o leitor à uma reflexão sobre o tema abordado e paulatinamente vai construindo sentido antes de ler em voz alta.

É importante, ainda destacar neste processo que envolve a leitura, o seu papel fundamental no espaço social. Entretanto, uma grande parcela da população brasileira vive alheia a esse processo de transformação da visão do mundo e das práticas sociais. Concluimos que a escola e o conjunto de políticas educacionais caracterizam-se como elementos responsáveis em oportunizar o acesso dos indivíduos ao mundo da leitura. Porém, devemos entender que uma leitura crítica nega a atitude passiva do leitor.

Devemos considerar as mudanças ocorridas na leitura através do tempo, pois cada texto representa um documento escrito de sua época. Ao ler, o indivíduo transporta-se para o mundo da leitura, criando sua representação visual. Vai formando as suas visões do contexto em que está inserido. A formação do professor também é fator de extrema importância no processo da leitura, pois se este não se reconhecer leitor, não poderá despertar em seu aluno o gosto pela leitura.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

CAGLIARI, I. C. **Alfabetização e linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2000.

FERREIRO, Emilia. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 33. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura**. Campinas São Paulo: Pontes, 1993.

LAJOLO, Marisa & Regina Zilberman. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 2003.

LARROSA, J. **Literatura, experiência em informação**. In PEREIRA, Regina Celi M. (ORG). **Prática de leitura e escrita na escola: construindo texto e reconstruindo**. João Pessoa: Editora da UFPB 2011.

MANGUEL, A. **Uma história de leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

ORLANDI, em leitura não há grau zero, assim como não há grau dez. 1998

PEREIRA, Regina Celi M. (ORG). **Prática de leitura e escrita na escola: construindo texto e reconstruindo**. João Pessoa: Editora da UFPB 2011.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. **Leitura na escolar: espaço para gostar de ler**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Ezequiel Theodoro da **Leitura na Escola e na biblioteca**. São Paulo: 2004.

_____. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**, 8ed. São Paulo, Cortez, 2000.

SILVA, Maurício de Freitas. **Repensando a leitura na escola**. 2ed. Rio de Janeiro: EDUFF, 1999.

TEBEROSKY, Ana. **Psicopedagogia da linguagem escrita**. São Paulo: Trajetória Cultural, 2003.

XAVIER, Antonio C. **Leitura, texto e hipertexto**. In: MARCUSCHI, Luiz A; _____. **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucena. 2004.